

A Bola da Vez: Uma Análise da Revista Carta Capital sobre a Copa do Mundo de 2014 no Brasil¹

Caroline Garcia CAFEO²

José Carlos MARQUES³

Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Bauru, SP

Resumo

Este trabalho é uma análise parcial da pesquisa de iniciação científica, “Copas do Brasil: as representações de nacionalidade no jornalismo de revista brasileiro por ocasião dos Mundiais de Futebol de 1950 e 2014”. E baseia-se na relevância da Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil e o futebol como fonte de identidade social e nacional. Além disso, para o estudo há a identificação de pontos relevantes e das perspectivas fomentadas pela mídia nacional. Para tanto, foram selecionadas as edições de número 780 e 799 da Revista *Carta Capital*, em função da grande importância e influência desse meio de comunicação na formação de opinião no país. As edições selecionadas possuem reportagens com conteúdo tratando diretamente do futebol nacional e da Copa do Mundo de 2014.

Palavras-chave: Copa do Mundo; Carta Capital; identidade; futebol; Brasil.

1. Introdução

A presente pesquisa tem como base o estudo da Copa do Mundo de 2014 organizada pela Federação Internacional de Futebol Associado – FIFA, sediada no Brasil. Nas últimas décadas, o país vem passando por diversas transformações sociais e, desde 2013, presenciou manifestações de rua em várias cidades, com intensa participação popular sobre os assuntos nacionais. Além disso, por ser a sede de um megaevento esportivo como a Copa, o Brasil passou a receber as atenções de diversos países e mídias estrangeiras em diferentes perspectivas, como a do esporte dentro de campo, infraestrutura dos estádios e cidades, do turismo e também da hospitalidade e simpatia do povo brasileiro.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática: Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 4º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Relações Públicas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP, campus de Bauru – SP). E-mail: carol_cafeo@hotmail.com.

³ Doutor em Ciências da Comunicação (Habilitação Jornalismo) pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Docente do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP, campus de Bauru – SP) e líder do GECEF (Grupo de Estudos em Comunicação Esportiva e Futebol). E-mail: zeca.marques@faac.unesp.br.

Vale ressaltar que o megaevento recebeu grande destaque nacional e internacional, pois não é constituído apenas por entretenimento e fatores econômicos. Segundo Roberto DaMatta (1982): “o futebol seria popular no Brasil porque permite expressar uma série de problemas nacionais, alternando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos”. Isto é, o futebol representaria também o jogo da sociedade brasileira.

A metodologia utilizada na pesquisa é predominantemente qualitativa e baseia-se na Análise do Discurso, e possui como objetivo verificar as características atribuídas a este megaevento esportivo considerando-se a noção de brasilidade, além de identificar as abordagens e peculiaridades no processo discursivo das capas e reportagens na revista semanal brasileira *Carta Capital*.

O trabalho está dividido em duas partes. Num primeiro momento, foi desenvolvido o conteúdo teórico abordando o futebol como fonte de identidade social, principalmente no Brasil; num segundo momento, foi apresentado como a revista *Carta Capital* trata da realização da Copa do Mundo de Futebol de 2014 e como foi abordada a noção de brasilidade e de dualidade do país, (o qual se orgulha por ser o “País do futebol arte, com dribles”, mas se envergonha pelo “jeitinho brasileiro” na política, na corrupção e desorganização do país).

As referências bibliográficas da análise serão baseadas em estudiosos como DaMatta, (Universo do futebol – esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982); Franco Júnior, (A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007) entre outros.

2. Futebol como identidade social

Os jogos estão presentes na sociedade desde primórdios de nossa existência, e ultrapassam a idéia de apenas um fenômeno fisiológico ou um simples reflexo psicológico. O jogo pode ser considerado um fenômeno cultural, caracterizado pela separação espacial em relação à vida cotidiana. Porém, vale lembrar que o jogo por natureza é um ambiente instável e pode ser influenciado; segundo Huizinga (2010, p. 24) “a qualquer momento é possível à vida cotidiana reafirmar seus direitos”, ou seja, os jogos são atividades inerentes aos seres humanos e que representam diferentes perspectivas de uma cultura.

Um dos jogos mundialmente conhecidos e renomados é o futebol, esporte que surgiu paralelamente ao Império Britânico. De acordo com Franco Júnior (2007, p.25), “não é casual que a Inglaterra tenha sido o berço da Revolução Industrial e do futebol. Os dois fenô-

menos baseiam-se em competição, produtividade, secularização, igualdade de chances e supremacia do mais hábil”. Esses elementos contribuíram para o desenvolvimento do país e do futebol. Entretanto, o futebol não permaneceu apenas naquele país. Houve a internacionalização do esporte junto com a crescente influência da cultura inglesa: primeiramente nas ilhas próximas de dominação britânica, então na Europa germânica, depois na Europa latina, e mais tarde na América Latina.

No Brasil o “*football association*” dos ingleses se transformou em algo ainda mais complexo, sendo um jogo a serviço de todo um conjunto de valores e relações sociais. O esporte foi introduzido no país em uma época de grande desigualdade social, e representava um progresso para o desenvolvimento econômico e de identidade, ainda de acordo com Franco Júnior (2007, p.61) “o futebol tornou-se desde o início um dos ingredientes mais importantes dos debates acerca da modernização do Brasil e da construção da identidade nacional”. O que demonstra a importância do futebol no contexto das relações sociais.

Apesar de o esporte ter iniciado como uma prática da elite branca demorou poucos anos para conquistar todas as etnias e todas as camadas sociais, incluindo as mais baixas. Então a influência da cultura negra e indígena deixa de ser motivo de vergonha nacional e se transformam em uma das principais características de identidade nacional: a “brasilidade”, a grande miscigenação, que acaba por definir e atribuir um estilo próprio de futebol, o chamado “futebol arte”, conhecido pela ginga, leveza e criatividade própria do povo brasileiro.

Vale ressaltar que o Brasil sempre tentou ser pensado e ter sua identidade de acordo com sua alteridade, porém fomos vistos por muito tempo através da ótica europeia e, mais tarde, pela visão norte-americana. Além disso, a doutrina Hegeliana influenciou o juízo de que a América Latina era simplesmente um espaço da Natureza e da emoção, sendo o oposto da Europa, o espaço da Razão. Assim, esse pensamento dominou o nosso continente, fazendo com que, em diversos momentos, ainda sejamos encarados por meio dessa visão eurocêntrica.

Contudo, diversos estudiosos tentaram inaugurar uma nova visão sobre o país. Um dos principais responsáveis por realizar a aproximação mais importante entre o futebol e cultura brasileira foi o antropólogo Roberto DaMatta, por meio de diversos trabalhos, como por exemplo, nas obras: “Universo do futebol” e “Carnavais, malandros e heróis”.

A partir desses estudos, há a apresentação da peculiaridade e historiografia brasileira do século XX, a qual utiliza a “mestiçagem” brasileira como marca singular de construção

do caráter nacional ou da brasilidade. Nesse aspecto, importantes estudos realizados por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Hollanda, Darcy Ribeiro são destacados (vale lembrar que esses autores também influenciaram o antropólogo Roberto DaMatta).

Para DaMatta (1982 p. 29), uma vez que o futebol é um objeto social complexo e que pode ser socialmente apropriado de vários modos em diferentes sociedades, a importância desse esporte em nosso país ultrapassaria o patamar de entretenimento, e já estaria incluída no meio da ordem social, incluindo questões e debates presentes na sociedade para dentro do universo futebolístico. Como por exemplo, a dualidade atribuída à cultura e identidade brasileira entre: o “país do futebol arte, diferenciado pelo improviso e dribles” e o “país da corrupção”. Sendo assim, DaMatta (1982) considera que o futebol seria popular no Brasil pois permite a expressão de diversos problemas nacionais, alternando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos.

3. Material de análise

A revista *Carta Capital* é comandada pelo jornalista Mino Carta, responsável pela criação também de outras publicações, como *Quatro Rodas*, *Veja*, *IstoÉ* e do *Jornal da República* (já extinto). Primeiramente a *Carta Capital* era publicada quinzenalmente pela Carta Editorial vinculada à organização Vogue no Brasil, A partir de 2001, a revista tornou-se semanal, vinculada à Editora Confiança, que também é responsável pelas revistas *Carta na Escola* e *Carta Fundamental*, segmentadas para área da educação, com o público alvo de docentes do Ensino Médio. A editora publicou ainda os livros: Sócrates, Brasileiro (uma coletânea das crônicas escritas pelo jogador Sócrates para a antiga coluna Pênalti) e Blogs do Além (baseado na coluna semanal escrita por Vitor Knijnik).

Segundo o site oficial da Editora Confiança, a missão da revista é definida pela produção de um jornalismo independente, que respeite a verdade factual, fomente o espírito crítico e contribua para o crescimento intelectual do maior número possível de indivíduos; além disso, possui a visão de que um povo bem informado é um povo consciente da cidadania, e os valores pautados no respeito ao indivíduo, à diversidade, à língua e à cultura.

Ainda de acordo com o site oficial, a revista *Carta Capital* possui uma tiragem de 65 mil exemplares semanais, auditadas pelo Instituto Verificador de Circulação no mercado Brasileiro, e conta com uma audiência de mais de 230 mil leitores. O público leitor caracteriza-se por ser um cidadão crítico, altamente qualificado e que gosta de conhecer a verdade dos fatos, procurando pontos de vistas e opiniões diferenciados do mercado.

Vale ressaltar que a revista possui parceria com as fontes de notícia *The Economist* e *The Observer*, também com o Blog Esporte Fino e possui diversos colunistas reconhecidos como: Delfim Netto, Luiz Gonzaga Belluzzo, Wálter Maierovitch, Thomaz Wood, Marcos Coimbra, Drauzio Varela, Riad Younes e Rogério Tuma.

Considerando o grande alcance e a relevância desse meio de comunicação, foi selecionada a edição de número 780 da revista *Carta Capital*, veiculada no dia 25 de dezembro de 2013, e a edição 799, veiculada no dia 14 de maio de 2014 (antes da Copa do Mundo de 2014).

A edição 780 possui a capa com o título “Balbúrdia no país da Copa”, e a linha fina “A seis meses do mundial, o futebol brasileiro exhibe os seus piores vícios”, conforme Figura 01.



Figura 01. Capa da Revista Carta Capital, edição 780
Fonte: Digitalizado pela autora (2014)

Além disso, a capa possui a ilustração de uma bola de futebol tradicional metaforicamente representando uma bomba com o pavio aceso, criando sentidos negativos reforçados com a utilização de termos impactantes e de pouca utilização na linguagem coloquial como “balbúrdia”, (que de acordo dicionário Houaiss (2009), significa; desordem, bagunça ou confusão) para a realização do Mundial no Brasil e para o esporte nacional em questão. Vale ressaltar que a bola é um elemento essencial para o jogo ser realizado e para o universo futebolístico:

“O poder de irradiação do futebol é impensável sem uma fenomenologia da bola: esse objeto distinto de todos os outros – sem quinas, pontas, dorso ou face, igual a si mesmo em todas as direções de sua superfície –, que rola e quica como se animado por uma força interna, projetável e abraçável como nenhum.” (WISNIK, 2008, p. 57)

Ou seja, ao relacionar o objeto de tamanha importância para o esporte com algo nocivo remete-se à ideia de que a revista se posiciona de maneira crítica diante do megaevento. Na mesma edição, a reportagem de capa teve o título “Vexame Mundial”, e a linha fina “Tapetão, briga de torcidas, anistia bilionária a clubes devedores, insatisfação de atletas e atraso nas obras da Copa. O Futebol nativo afunda-se na lama”, e diversas imagens relembrando casos polêmicos do ano de 2013, como o rebaixamento da Portuguesa no lugar do Fluminense, ou das brigas entre torcidas, conforme Figura 02.



Figura 02. Reportagem “Vexame Mundial” da revista Carta Capital
Fonte: Digitalizado pela autora (2014)

A matéria principal teve no total seis páginas no interior da revista, com conteúdo variado: destacam-se a falta de transparência e organização dos campeonatos nacionais, as constantes brigas entre torcidas, a insatisfação das condições dos atletas, a má gestão dos clubes brasileiros e as críticas da falta de execução das leis do Estatuto do Torcedor (relacionado ao assunto de bebidas alcoólicas).

Também houve um vasto questionamento sobre as obras, das garantias da integridade das torcidas dos países que iriam disputar o torneio e sobre o “legado” da Copa do Mundo de 2014, (legado é um termo que se refere às contribuições deixadas pelo megaevento, tanto na área de infraestrutura, quanto na de qualidade de vida).

Ainda na reportagem principal há uma breve entrevista com o Ministro do Esporte, Aldo Rebelo, o qual se mostra otimista apesar de todos os problemas e do acidente do desabamento de parte da estrutura da Arena Corinthians, que provocou a morte de um funcionário em novembro de 2013. As frases do ministro que ganharam destaque no texto foram “Haverá tempo para testes nas arenas” ao ser questionado sobre a segurança dos torcedores, e “Jogo de Copa não tem torcida organizada, é festa”, criando a idéia que só há violência entre os torcedores em campeonatos brasileiros, por força da presença das torcidas organizadas (ver figura 03).



Figura 03. Entrevista com Aldo Rebelo, Ministro do Esporte
 Fonte: Digitalizado pela autora (2014)

Ainda na edição 780 houve uma matéria sobre o jogador Sócrates, que já foi colunista da revista, denominada “O Doutor na intimidade!”. Nela a revista ressalta pontos positivos da atuação do jogador, fora de campo – como cidadão e pessoa ativa politicamente – e dentro de campo – como um esportista de grande talento –, ressaltando-se a ideia de que o futebol, cultura e cidadania estão relacionadas.

O colunista semanal sobre esportes, o Afonsinho (Afonso Celso Garcia Reis, médico e ex-jogador de futebol brasileiro), escreveu o artigo denominado “A esperança não é cega”, no qual o conteúdo é basicamente como a Copa do Mundo no Brasil pode aumentar o des-

conforto com os “cartolões” com a resistência brasileira ao padrão da FIFA. Ou seja, segundo a coluna, quando há discussões sobre disputas eleitorais e esportivas, podem ocorrer drásticas mudanças administrativas em diversos setores com o aumento da participação da população, incentivando-se a cidadania.

Apesar de as notícias darem ênfase para um lado negativo da realização do megaevento no país, principalmente ressaltando problemas já existentes no futebol nacional e de certa forma criticando mais a atuação da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), há aproximadamente dez páginas de publicidade do governo federal, e uma das propagandas possui duas páginas que se referem diretamente à Copa do Mundo no Brasil.

A outra edição analisada é de número 799 da *Carta Capital* e tem como título “O Fator Pessimismo”. Na capa há uma chamada com a foto: “O que Nelson Rodrigues diria da Copa”. A matéria em questão possui quatro páginas, e o título de “Chamem o Nelson!” e a linha fina “O Brasil tem vergonha da Copa, tem vergonha do futebol, tem vergonha de si mesmo. O que o maior de todos os cronistas da bola diria disso?”.

A relevância da bola para o futebol é retomada novamente. Além do mais, no título da matéria a revista relaciona diretamente a realização do megaevento esportivo e o esporte com a autoestima do brasileiro, ou seja, com uma “crise” na identidade nacional por meio da atuação e desempenho ruins na organização da Copa do Mundo e da seleção de futebol do país.

Carta Capital reforça a linha de pensamento da edição anterior: o futebol “nativo” ou o “futebol-arte” se perderam devido à forte influência das grandes organizações da área esportiva, sejam os próprios times brasileiros, (os quais em sua maioria possuem uma péssima gestão segunda a opinião da revista), sejam as instituições responsáveis pela regulação do esporte como a Confederação Brasileira de Futebol e principalmente os patrocinadores e as organizações estrangeiras, como a FIFA. Outro elemento que reforça essa perspectiva dada pela revista é uma pequena propaganda institucional da revista para o acesso online com o título “Esporte Fino analisa a convocação da seleção brasileira para a Copa do Mundo”, (o blog Esporte Fino é parceiro da revista) e o subtítulo “Apenas quatro jogadores que atuam no Brasil? Esse nosso futebol está mesmo vendido, Gabriel Souza”, e com uma foto do goleiro Vítor que defende o time brasileiro Atlético Mineiro comemorando, remetendo a idéia de raça e comprometimento dos jogadores que atuam no Brasil.

O conteúdo da matéria relacionada com a capa que faz alusão a Nelson Rodrigues consiste em dezessete trechos de frases, comentários e crônicas de assuntos relacionados ao

Brasil e ao futebol de Nelson Rodrigues, jornalista e reconhecido escritor brasileiro atuante também na área esportiva. E através dessa compilação é possível notar que *Carta Capital* nega os padrões europeus e o “padrão FIFA”. Como por exemplo, nas frases de Nelson Rodrigues escolhidas pela revista: “O pior dos brasileiros é o que se supõe um lorde inglês” e “O grã-fino não quer nada com o Brasil”. Temos aqui a ideia da dualidade, (conceito muito presente nas mídias e na construção da identidade nacional), pois a revista, ao mesmo tempo em que demonstra a dificuldade e desorganização na construção dos estádios, da infraestrutura, dos campeonatos nacionais e da própria estrutura do futebol brasileiro, posiciona-se contra os padrões e a visão eurocêntrica.

Outra ideia retomada na matéria é a do futebol como identidade social no Brasil. *Carta Capital* dá destaque a frases escritas por Nelson Rodrigues que ressaltam a importância do esporte para o país, não apenas na área econômica ou de entretenimento, porém na perspectiva de fonte de construção da identidade nacional e de influência na autoestima do brasileiro. Frases como: “Nosso pão espiritual”, (também falando sobre o futebol), e “No Brasil, o futebol é que faz o papel da ficção” reforçam ainda mais a relevância do futebol para o país e segundo DaMatta:

Se, de fato, carnaval, religiosidade e futebol são tão básicos no Brasil, tudo indica que diferentemente de certos países da Europa e América do Norte, nossas fontes de identidade social não são instituições centrais da ordem social, como as leis, a Constituição, o sistema universitário a ordem financeira, etc., mas certas atividades que nos países centrais e dominantes são tomadas como fontes secundárias e liminares de criação de solidariedade e identidade social. Assim é a música, o relacionamento com os santos e espíritos, a hospitalidade, a amizade, a comensalidade e, naturalmente, o carnaval e o futebol, que permitem ao brasileiro entrar em contato com o permanente de seu mundo social. (DAMATTA: 1982, p. 39)

Ou seja, o futebol é o elemento que diferencia os brasileiros, de acordo com o texto de Nelson Rodrigues quando se deseja conhecer um povo, o sujeito geralmente consulta a ficção. Entretanto, no caso do nosso país quem revela as características e a identidade é principalmente o futebol, nele é possível encontrar e construir heróis, vilões, e outros diversos estereótipos.

Além disso, *Carta Capital* também ressalta como o futebol é intrínseco na autoestima, na emoção e sentimento de ser brasileiros. Frases e textos como: “Futebol é paixão” e “Sem um mínimo de paixão não se consegue chupar nem um Chicabon” revelam o posicio-

namento a favor da revista pelo futebol nativo baseado na criatividade, e de como os brasileiros são passionais e vulneráveis dos resultados e das atuações da seleção de futebol.

A edição 799 conta novamente com a coluna semanal esportiva de Afonso Celso Garcia Reis, o Afonsinho. O artigo recebe o título: “A sorte está lançada”, e a linha fina “Fiquei chocado com a ausência do Lucas. Ele sabe reagir a um placar adverso”. E consiste na descrição da nova versão da família Scolari, que enfrentaria diversos fantasmas do passado, como a memória do Maracanazo (nome dado à partida final perdida pelo Brasil para o Uruguai na Copa do Mundo de 1950, também realizada em nosso país) e a comparação com o time pentacampeão.

O texto também define a convocação da seleção brasileira como algo “sem grandes surpresas”, com preferência por jogadores com valência física, e relembra que apenas seis jogadores possuem experiências em Copas do Mundo. Então, é debatida a questão de a disputa ser em território nacional, porém a maioria dos selecionados atuam e trabalham em países estrangeiros, reforçando-se a falta de mais craques excepcionais entre os jogadores brasileiros.

Novamente é citada a carência de craques num país com uma vasta dimensão, no qual se joga futebol praticamente o ano todo, retomando-se a ideia da edição 780, que aludia ao futebol nativo que se “afundava” na lama, ou seja, que perdia suas peculiaridades por falta de estrutura e organização principalmente por parte da CBF e da grande influência dos patrocinadores e dos outros países no estilo de jogador ideal.

Entretanto, a coluna destaca a ausência na escalação do time brasileiro do jogador Lucas, (que atuava no São Paulo FC e atualmente defende o Paris Saint-Germain, da França), devido ao talento e à qualidade de saber reagir a um placar diverso (Figura 04). Segundo Afonsinho, o estilo e a explosão do jogador Lucas podem fazer falta para a nossa seleção em um momento de placar desfavorável, pois em circunstâncias semelhantes os outros times estão cada vez melhores e mais estruturados.

Apesar de tudo, fiquei chocado com a ausência do Lucas. Estava preparado para comentar a capacidade do irrequieto jogador de reagir à dificuldade de um placar adverso em qualquer circunstância, o que sempre pode ocorrer. A explosão que caracteriza seu estilo pode fazer muita falta. É certo que cumpre uma campanha irregular em seu time francês, mas tem jogado sempre mais neste momento.

Figura 04. Coluna semanal esportiva do Afonsinho.

Fonte: Digitalização feita pela autora

Esse talento e diferencial encontrados em alguns jogadores brasileiros, como em Lucas ou Neymar, acentua o que denominamos de “estilo nacional brasileiro” ou o chamado “futebol arte”, no qual se privilegiam a habilidade do corpo e das pernas, criando-se um jogo belo de se apreciar. Segundo Del Priore, (2009, p. 459) “um aspecto central é o fato de que o estilo nacional brasileiro mantém estreita correlação com as representações sobre o povo brasileiro”, ou seja, há uma relação entre o futebol e a identidade nacional.

Essa valorização da particularidade brasileira é defendida em praticamente todas as edições pesquisadas e principalmente nas edições selecionadas da revista da revista *Carta Capital*, demonstrando seu posicionamento favorável sobre a “mestiçagem” brasileira como marca singular no futebol e identidade nacional, de acordo com Helal e Gordon (1998, p.22):

“[...] percebe-se um determinado estilo, observado pelos agentes do universo futebolístico, incluindo-se aí a imprensa nacional e internacional. Esse estilo privilegiaria o drible, o toque de bola, o improviso e a criatividade e ficou sendo denominado “futebol-arte” em contraste com um estilo que privilegia a força física e a aplicação tática, o chamado “futebol-força”, praticado, em sua maioria, pelos clubes europeus.”

Em outras palavras apesar do conceito de dualidade estar presente nas mídias, os diversos meios de comunicação ressaltam o futebol-arte e chamam a atenção para as suas peculiaridades e jogadas inesperadas, assim como ocorre na *Carta Capital*. A revista adota um discurso que exalta o futebol nativo, o qual estaria desaparecendo devido a fatores externos dos campos de futebol.

Considerações Finais

A partir deste estudo, foi possível verificar que o futebol tornou-se principalmente no Brasil uma referência sociocultural e fonte de identidade nacional, conforme atestam as obras de Roberto Damatta, Hilário Franco Júnior e José Miguel Wisnik, nas quais estão relacionadas a história brasileira, a formação do povo e a construção de identidade paralelamente com o desenvolvimento e propagação do futebol no país.

Com o Brasil sendo sede de megaeventos esportivos como a Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016, o debate sobre o futebol foi acentuado pelos meios de comunicação do país. Considerando que as peculiaridades e as características do futebol nacional estão diretamente ligadas à formação étnica do povo brasileiro, a pesquisa buscou verificar as características atribuídas ao megaevento esportivo e ao futebol nacional através dos conteúdos selecionados da revista semanal brasileira *Carta Capital*.

As edições selecionadas da publicação utilizam elementos fundamentais do futebol, por exemplo, como a bola (empregada como a capa da edição 780) para demonstrar seu posicionamento conflitante sobre a Copa do Mundo. A revista destaca em diversos momentos uma posição negativa sobre a realização do megaevento devido à falta de organização e infraestrutura, e ressalta a contribuição de diversas organizações de forma negativa.

Entretanto, mesmo demonstrando a dificuldade brasileira de conclusão das obras, *Carta Capital* não exalta o padrão europeu. Vale lembrar que a revista possui grande patrocínio do Governo Federal e em seu site oficial já declarou apoio ao Partido dos Trabalhadores, do qual faz parte a atual presidente Dilma Rousseau e o antigo presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva (responsável pela candidatura do Brasil como país sede da Copa do Mundo), o que pode ter influenciado o posicionamento tomado pela revista.

Além disso, de modo geral *Carta Capital* demonstra que a marca de criatividade e originalidade do futebol nacional passa por um processo de perda desde as categorias de base brasileiras, as quais se dedicam mais aos lucros do que no ensinamento de jovens atletas a jogar futebol, incluindo ensinamentos táticos, técnicos, físicos e mentais que esse esporte necessita. Também há complicações no aspecto das comissões técnicas, geralmente os técnicos brasileiros não são capazes de escolher um esquema tático eficiente para os times, de adotar inovações e aproveitar as principais características do futebol brasileiro. De acordo com o posicionamento adotado pela revista o esporte não encontra problemas apenas nos clubes e nas categorias de base, o futebol brasileiro recebe uma forte influência negativa das

grandes organizações esportivas, como a Confederação Brasileira de Futebol e a Federação Internacional de Futebol Associado, além dos patrocinadores de clubes e jogadores. Conflitando com a visão eurocêntrica tradicional em que os países europeus possuem um modelo de superioridade aos demais e também do futebol.

Carta Capital conta também com diversas citações e influência de pessoas nomeadas do universo futebolístico que exaltam o futebol arte, provido da configuração do povo brasileiro e do cronista Nelson Rodrigues. Então, a revista demonstra compreender a ideia de o futebol ser algo que ultrapassa o entretenimento e o fator econômico. Em suma, *Carta Capital*, através de suas reportagens e elementos, trata o esporte como elemento de identidade social e de construção da autoestima do povo brasileiro, apesar de retratar a crise que esse esporte e a Copa do Mundo de 2014 enfrentavam na primeira metade de 2014.

Referências Bibliográficas

CARTA CAPITAL, Site oficial. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/>>. Acesso em: 28 jun. 2014

DA MATTA, R. et alii. **Universo do futebol – esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo. Companhia das Letras. 2007.

HELAL,R.;GORDON JR., C. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. **Revista estudos Históricos – Esporte e Lazer**, Rio de Janeiro, v.13, n.23,1999. Disponível em <<http://www.cpdoc.fgv.br/>>. Acesso em: 05 jul. 2014

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

WISNIK, J.M. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.